

João Claudio Arendt. *Bocejos de enfado*. Vitória/ES: Pedregulho, 2022. 78 p.

A vida pública oficial da poesia de João Claudio Arendt completa 20 anos com *Bocejos de Enfado* (2022). Desde a estreia em 2002, feita com dois poemas na antologia *Poesia Fora da Estante II*, até os quarenta e cinco poemas da presente obra, decorre um tempo expressivo, marcado pela profusão contínua de novos poemas que passam pela seleção crítica do autor, até chegarem ao livro.

Antes de despontar com a poesia neste formato, João Cláudio Arendt (Cunha Porã/SC, 1970) publicou ensaios em revista<sup>1</sup> e ensaios no livro *Histórias de um Bruxo Velho* (2004),<sup>2</sup> cuja reunião apresenta Simões Lopes Neto pelas sucessivas edições da obra ficcional e sua recepção crítica. Tradutor, ensaísta e professor, o poeta agora explora a temática do tédio em meio a outros textos que envolvem a obra.

Dos poemas de estreia até o primeiro livro de poesia solo, *Plural da Ausência* (2009),<sup>3</sup> João Claudio esteve reunido a três jovens acadêmicos numa experiência de leitura e criação poética, cujo resultado foram poemas publicados na coletânea *Calendário: Antologia Poética do Grupo Neblina* (2006).<sup>4</sup> A ausência que vem demarcada pela pluralidade, já no primeiro livro, envolve uma sintonia semântica com a poesia de Castro Alves e de Ferreira Gullar, citada na devida ordem no começo de cada parte.

---

<sup>1</sup> ARENDT, João Claudio. Eduardo Guimarães: um poeta gaúcho na trindade simbolista. Santa Cruz do Sul, *Signo*, v. 28, n. 44, p. 85-93, jan.-jun. 2003.

<sup>2</sup> ARENDT, João Claudio. *Histórias de um bruxo velho*: ensaios sobre Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Educs, 2004.

<sup>3</sup> ARENDT, João Claudio. *Plural da ausência*. Caxias do Sul: Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, 2009.

<sup>4</sup> DA ROLT, Clóvis; CECCAGNO, Douglas; ARENDT, João Claudio; TASCA, Marli. *Calendário: Antologia Poética do Grupo Neblina*. Bento Gonçalves: Edição dos autores, 2006.

*Quadros Berlinenses* (2013),<sup>5</sup> o segundo livro de poesia, resulta de um intercâmbio de estudos na Alemanha, momento no qual recolhe em Berlim os quadros compositivos da obra. O livro coloca o leitor face a face com relações de subjetividade, de alteridade e na perspectiva de um caminhante. O poeta oscila ora para a sensibilidade corporal, ora para a interioridade do ser. Ilustra bem esta dimensão o poema “Berlinsensível”, onde se lê um estranhamento diante da cisão máquina corporal e cidade impassível: “Sem retinas/ sem pele/ sem ouvidos/ sem língua/ sem narinas// Cidade, como haverás/ de lembrar de mim?” (p. 60).

Após o terceiro livro, *A Jangada dos Jacarés* (2019),<sup>6</sup> com que inventa um universo de brincar na poesia para crianças, João Cláudio retorna com os poemas de *A Cinza Descerrada* (2020), marcados pelo jogo interdiscursivo com a poesia brasileira e a poesia portuguesa, cujos autores aparecem nas epígrafes que acompanham cada uma das seis partes (camadas) do livro. Antecede esta série o texto de Herberto Helder, com a expressão “a cinza descerrada”. Após, ele apresenta cada camada com a citação de Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Cruz e Souza, Hilda Hilst, João Cláudio Arendt e Manuel Bandeira, respectivamente, variações do termo cinza. Dele mesmo, vem a cinza com que tingem a alegria: “Se se pudesse partir/ sem gesto nem palavra/ Partir sem deixar/ um nome/ um número/ uma fotografia/ Partir sem obra/ iniciada ou concluída/ Partir como um dia se veio:// sem nada/ sem absolutamente nada” (p. 94).<sup>7</sup>

Impressa na capa de *Bocejos de Enfado* – sob um fundo de madeira envelhecida, coberta por tinta verde que descasca – a expressão “bocejos de enfado” quase não incomoda. Por certo, a recorrência à expressão trivial outrora consolava algo que estava na vida, cujo sentido era percebido, porém silenciado e raramente desdobrado em palavras. Os poemas de *Bocejos de Enfado* rompem aquele silêncio, lidam com o aborrecimento por diversos ângulos. E este trabalho se realiza a partir de uma retomada criativa do terceiro “Spleen” de Charles Baudelaire e do poema “Tédio” de Heinrich Heine, que remexem o *tædium vitae*. Na contracapa, o excerto de uma crítica assinada

---

5 ARENDT, João Cláudio. *Quadros berlinenses: poesia – Berliner Bilder: Gedichte*. Tradução de Sarita Brandt. Caxias do Sul: Maneco, 2013.

6 ARENDT, João Cláudio. *A jangada dos jacarés*. Lisboa: Chiado Editora, 2019.

7 ARENDT, João Cláudio. *A cinza descerrada*. Vitória: Pedregulho, 2020.

por Fátima Barros, observa que o poeta enxerga com olhar melancólico o presente e o futuro e “transforma em cinzas as alegrias do passado”.

A porta da melancolia talvez seja uma entrada para os poemas de Arendt, mas não necessariamente uma passagem segura, dado que a transposição da temática, do passado para o século 21, atravessa um período marcado por dois acontecimentos relevantes para uma crítica atual do tema: o aparecimento da psicanálise e a filosofia da desconfiança, que se anteciparam à era dos extremos, expressão síntese do século 20. Em 2016, expõe sua relação com o cânone literário: “Gosto muito de alguns românticos e simbolistas. Mas é entre os modernistas que estão os meus eleitos: Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar, por exemplo. Dos alemães, gosto muito do Rainer Maria Rilke. E de Portugal, fico com Fernando Pessoa” (p.286).<sup>8</sup> Poeta afeito à leitura da tradição literária, toma também como citação duas composições da música popular brasileira.

A imagem contida na expressão “bocejo de enfado” envia a um beco estreito do pensamento, repetitivo e selvagem. Mas tomada como título neste livro de poemas, instiga o leitor a colocá-la na contraparte de outras imagens e citações que, de certa forma, antecipam sua experiência poética diante da paralisia do tédio. Entre as primeiras citações que emolduram a parte Primeira Pessoa, a citação de Álvares de Azevedo inscreve o tédio numa malha entrelaçada: “Mas nem o *Johannisberg*, úmidas flores/ a relva fofa da campina verde, / e a noite que vem quente de amores/ e a torrente do val que além se perde, / nem o seio que nuta e que se inflama/ desmaia o tédio meu que o *spleen* derrama” (p. 11). O poema XV, dessa parte, estabelece também um jogo intertextual com o alemão Heinrich Heine, na passagem citada do poema “Tédio”, quando interpela o leitor: “Já viajou? / Já visitou a Grécia? / A Oceania? / O Oriente, a Terra Santa, / Os sítios onde tudo hoje evoca e decanta/ As glórias de uma idade imorredoura e eterna/ Que amesquinha e deslumbra a geração moderna?” (p.35).

Do mal-estar anunciado no título, relido por epígrafes marcadas de tédio, João Cláudio força a linguagem a dizer memórias, tragédias, pensamentos de um tempo presente, que arrasta ideias do passado para a contemporaneidade. No exercício de

---

8 CEI, Vitor. O verbo lúdico de João Claudio Arendt: entrevista. *Revista Leitura*, Vitória, v.2, n. 57, p. 282- 296, jul.-dez. 2016.

tornar dizível a textura poética do mundo enfadonho, ele retoma uma expressão machadiana no poema XXIII: “Nada, nada, nada/ do que fiz surtiu efeito contra o tédio/ e sua horda de bocejos de enfado/ “Volúpia do aborrecimento”: / expressão juntada a um livro/ que li há muito tempo/ e só agora compreendo. Por conta/ deste estado de espírito/ que me impele a não fazer nada/ de estar à toa dentro da vida/ é que renunciei a tudo/ e hoje estou como o velho cedro vermelho/ do outro lado da rua: oco” (p. 47). A combinação de sentidos opostos em “volúpia do aborrecimento” – tirada do capítulo “Tijuca”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) – não rompe com a circularidade temática do tédio, do cotidiano desprovido de sentido, levando-o para um campo criativo, na chave de pensar o niilismo ativo, como estímulo, mas enfatiza a posição reativa, a estagnação.

Entretanto, na parte Terceira Pessoa a série de poemas continua na linha do desencanto, anunciada pela personagem de Heine. Ao falar sobre a ferida de Heine (*Die Wunde Heine*, 1956), Adorno afirma que sua poesia representa uma crise e uma ferida perante a tradição, pois seus poemas “eram mediadores, sempre de prontidão, entre a arte e o cotidiano desprovido de sentido” (p. 129).<sup>9</sup> Tomando a relação interdiscursiva com a poesia de Heine, há no poema IV desta parte algo da dimensão mediadora apontada pelo teórico alemão, da poesia como experiência diante dos limites do dizer: “Na escola, foi péssimo aluno/ A monótona arenga dos mestres/ e as paquidérmicas horas de lição/ só alimentavam a sua apatia/ Tomados como expressão/ de pouco caso/ os seus bocejos involuntários/ renderam castigos e suspensões/ Não fosse por essas ausências/ ele saberia/ que em se tratando de literatura/ o gênero que lhe cai como luva/ é a velha e fúnebre elegia” (p. 58).

Com *Bocejos de Enfado*, João Claudio Arendt olha com atenção a poesia na perspectiva da palavra cantada. A presença da canção “Tédio”, de Bruno Gouveia, junto a dois poemas da Primeira Pessoa, e da canção “Ouro de tolo”, de Raul Seixas, na abertura da Terceira Pessoa, citadas por meio de epígrafe, amplia a experiência do dizer de sua poesia, dado que a canção como gênero se faz de texto, música e voz, o que exige outras competências do leitor, relacionadas à performance. Ele nos chama a prestar

---

<sup>9</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. v.1.

atenção ao que está sendo “falado” na canção, convocando a uma experiência de alteridade e de acesso a um fora da linguagem, através da experiência poética.

**Wagner Coriolano de Abreu**

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/FFP